

A DOCTRINA DE CALVINO SOBRE DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA FOI PRINCIPALMENTE RESULTADO DA INFLUÊNCIA DE MARTIN BUCER?

*Heber Carlos de Campos Júnior**

RESUMO

Este artigo analisa as concepções de João Calvino sobre disciplina eclesiástica e as possíveis influências que teria recebido de Martin Bucer. Que o reformador de Estrasburgo exerceu influências sobre a teologia de Calvino é inegável, principalmente a partir da permanência deste durante três anos naquela cidade da Alsácia. A questão é até que ponto chegou essa influência no tema em estudo. Inicialmente, o articulista analisa as obras de Calvino anteriores à sua estada em Estrasburgo, em busca de possíveis influências de Bucer e/ou Ecolampádio, o reformador de Basileia. A seguir, ele considera uma série de semelhanças e dessemelhanças entre o pensamento de Calvino e de Bucer quanto à disciplina eclesiástica, particularmente no que diz respeito ao entendimento de textos bíblicos básicos, o uso dos pais da igreja, atitudes quanto aos anabatistas, as marcas da igreja, oficiais eclesiásticos, a participação dos magistrados civis, os diferentes níveis de pecados e os papéis dos oficiais e dos membros da igreja. O autor conclui que, embora haja influências claras de Bucer sobre Calvino na área da disciplina eclesiástica, não se pode afirmar com segurança que essa foi a principal nem a única influência recebida por Calvino nessa questão. A evolução do pensamento do reformador francês se deveu principalmente às suas próprias experiências pastorais e ao amadurecimento da sua reflexão teológica.

* O autor é ministro presbiteriano, mestre em teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e atualmente faz o curso de doutorado (Ph.D.) em história da igreja no Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan. O artigo foi traduzido por seu pai, Dr. Heber Campos.

PALAVRAS-CHAVE

Disciplina eclesiástica; João Calvino; Martin Bucer; Ecolampádio; Anabatistas; Oficiais da igreja; Igreja e Estado; Marcas da igreja.

INTRODUÇÃO

Muitos eruditos falam sobre a influência que Martin Bucer (1491-1551) exerceu sobre João Calvino (1509-1564) em diversos campos da teologia, especialmente o eclesiológico.¹ Que Bucer exerceu alguma influência sobre o jovem erudito de Noyon é defensável, visto que Calvino trabalhou por três anos (1538-1541) em Estrasburgo com Bucer e era dezoito anos mais jovem do que o seu companheiro. Aqueles foram anos de amadurecimento para Calvino em seu desenvolvimento teológico, nos quais algumas de suas principais obras foram concebidas e escritas.² Trabalhando tão próximo do reformador da Alsácia, Calvino deve ter ganho muito no intercâmbio teológico entre ambos. Além disso, as cartas de Calvino deixam explícito o respeito por seu mestre³ e um relacionamento caloroso para com aquele que ele freqüentemente chamou de “pai no Senhor”.⁴

Não obstante, alguns eruditos têm tentado encontrar influências de Bucer sobre o jovem Calvino antes de sua estada em Estrasburgo.⁵ É uma suspeição

¹ COURVOISIER, Jaques. *La notion d'église chez Bucer: dans son développement historique*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1933, p. 135-150; WENDEL, François. *Calvin: origins and development of his religious thought*, trad. por Philip Mairet. Grand Rapids: Baker Books, 2002, p. 137-144; PAUCK, Wilhelm. *The heritage of the Reformation*, ed. rev. e aum. S.I.: The Free Press of Glencoe, 1961, p. 85-99; VAN'T SPIJKER, Willem. The influence of Bucer on Calvin as become evident from the *Institutes*, in *John Calvin's Institutes, his opus magnum: proceedings of the Second South African Congress for Calvin Research*, July 31-August 3, 1984 (Potchefstroom, 1986), p. 106-132; idem, Calvin's friendship with Martin Bucer: did it make Calvin a Calvinist?" in FOXGROVER, David (Ed.). *Calvin Studies Society Papers 1995, 1997*. Grand Rapids: CRC Product Services, 1998, p. 169-186; idem, Bucer's influence on Calvin: church and community", in WRIGHT, D. F. *Martin Bucer: reforming church and community*. Cambridge: The Cambridge University Press, 1994, p. 32-44; idem, *The ecclesiastical offices in the thought of Martin Bucer*, trad. por John Vriend e Lyle D. Bierma, *Studies in Medieval and Reformation Thought*, vol. LVII. Leiden: E. J. Brill, 1996.

² Seu *Comentário de Romanos* foi publicado em 1539 contendo uma nota de grande apreciação pelo comentário de Bucer sobre a mesma epístola, publicado anteriormente (1536). O fato de que ele o leu e apreciou, a despeito de rejeitar a verbosidade de Bucer, é um sinal de forte influência, especialmente no trato com essa epístola doutrinária. A *Resposta a Sadoleto*, que contém uma forte defesa da doutrina da justificação pela fê somente, também foi escrita por Calvino em 1539.

³ Numa carta a Bucer escrita em outubro de 1541, Calvino denomina a si mesmo “seu aluno e discípulo”. BEVERIDGE, Henry; BONET, Jules (Eds.). *Selected works of John Calvin: tracts and letters*. Vol. 4 — Letters, Part 1, 1528-1545, trad. por David Constable. Grand Rapids: Baker, 1983, p. 292.

⁴ *Ibid.*, p. 295. Ver carta a Bucer de junho de 1549 (?) em BEVERIDGE, Henry; BONET, Jules (Eds.). *Selected works of John Calvin: tracts and letters*. Vol. 5 — Letters, Part 2, 1545-1553, trad. por David Constable. Grand Rapids: Baker, 1983, p. 236.

⁵ WENDEL, *Calvin*, p. 138-142; GANOCZY, Alexandre. *The young Calvin*, trad. por David Foxgrover e Wade Provo. Philadelphia: Westminster, 1987, p. 158-168; VAN'T SPIJKER, The influence of Bucer on Calvin as become evident from the *Institutes*, p. 109-113.

interessante, mas baseada em comparação de textos e, portanto, sem evidência definitiva. Há alguns que têm rejeitado abertamente essa influência precoce de Bucer sobre Calvino.⁶ As cartas trocadas entre eles antes do primeiro encontro que tiveram no Sínodo de Berna, em 1537, não mostram nenhum sinal de que Calvino conhecia a teologia de Bucer. Realmente, a única evidência que temos do conhecimento que um tinha da teologia do outro vai na direção oposta. Bucer convida Calvino para uma discussão teológica logo após a primeira edição das *Institutas* ter sido publicada.⁷

Mesmo que houvesse uma base sólida para reconhecer características significativas de Bucer na teologia inicial de Calvino, a questão que deveríamos levantar é se essa influência atingiu o tópico da disciplina eclesiástica. Wendel acha que Calvino tinha a doutrina em princípio antes de ir para Estrasburgo – provavelmente concebendo parte da mesma durante a sua estada em Basileia – e somente mais tarde incorporou alguma coisa das ênfases de Bucer.⁸ Ganoczy, por outro lado, observa uma semelhança direta entre as *Institutas* de 1536 e o comentário de Bucer sobre os Evangelhos em questões como a oposição à prática romana da penitência, a base bíblica de Mateus 16 e 18 e João 20, o entendimento de que o poder das chaves era a pregação e de que o mesmo foi dado a Pedro em nome de toda a igreja.⁹

Também temos de considerar a probabilidade de que as semelhanças teológicas e estruturais nas *Institutas* de Calvino de 1536 possam ter vindo de outras fontes além de Bucer. É possível que os alegados traços de Bucer em Calvino tenham vindo na realidade de outros próceres da Reforma. Alguns eruditos têm sugerido que a experiência de Calvino na Basileia de Ecolampádio foi uma possível fonte de influências na questão da disciplina eclesiástica.¹⁰ O problema com a argumentação em favor das semelhanças entre Ecolampádio e Calvino é que eles nunca se encontraram (Ecolampádio morreu em 1531).

⁶ EELS, Hastings. Martin Bucer and the conversion of John Calvin, in *The Princeton Theological Review*, vol. XXII, 1924, p. 402-419.

⁷ VAN'T SPIJKER, Bucer's influence on Calvin: church and community, p. 33.

⁸ WENDEL, *Calvin*, p. 142-144.

⁹ GANOCZY, *The young Calvin*, p. 165-167.

¹⁰ DEMURA, Akira. Church discipline according to Johannes Oecolampadius in the setting of his life and thought. Th.D. dissertation, Princeton Theological Seminary, 1964, p. 161-180; BAKER, J. Wayne. Christian discipline and the early Reformed tradition: Bullinger and Calvin, in SCHNUCKER, Robert V. (Ed.). *Calviniana: ideas and influence of Jean Calvin*. Kirksville, MO: Sixteenth Century Journal Publishers, 1988, p. 107-119; idem, Christian discipline, church and state, and toleration: Bullinger, Calvin, and Basel 1530-1555, in OBERMAN, Heiko et al. (Eds.). *Reformiertes Erbe: Festschrift für Goffried W. Locher zu seinem 80. Geburtstag. Teil 1*. Zurich: Theologischer Verlag, 1992, p. 35-48; KUHR, Olaf. Calvin and Basel: the significance of Oecolampadius and the Basel discipline ordinance for the institution of ecclesiastical discipline in Geneva, in *Scottish Bulletin of Evangelical Theology*, vol. 16, no. 1, primavera de 1998, p. 19-33. Todos os três eruditos – Demura (p. 179), Baker (p. 111) e Kuhr (p. 33) – sugerem uma cadeia de influência de Ecolampádio-Bucer-Calvino sobre a questão da disciplina eclesiástica, visto que Bucer trabalhou com Ecolampádio e Calvino trabalhou com Bucer.

A passagem de Calvino por Basileia é bastante obscura e é difícil saber o que ele poderia ter aprendido daquela experiência. Além disso, existe uma carência de materiais de pesquisa para definir uma clara dependência de um em relação ao outro, como Kuhr admitiu.¹¹

O que importa para o nosso assunto é estar conscientes de como é difícil determinar se o discurso inicial de Calvino sobre a disciplina eclesiástica vem desta ou daquela fonte. A despeito das tentativas de estudiosos mencionadas acima, há aqueles que tentam sumariar a doutrina da disciplina eclesiástica de Calvino à parte de supostas influências.¹² Isto não significa dizer que aqueles que fazem isso estejam cegos para o fato de que Calvino era um homem de sua época,¹³ mas somente que eles tentam descrever o seu pensamento teológico como se fosse uma empreitada independente. Após reconhecer diversas ligações possíveis com o pensamento de Calvino, Robert White sintetizou a sua abordagem cuidadosa ao dizer que “no presente estado da pesquisa, é mais fácil descrever a síntese final a que Calvino chegou, do que identificar a fonte de cada elemento individual”.¹⁴

Entre as diferentes abordagens quanto ao entendimento que Calvino tinha da disciplina eclesiástica e sua relação com Bucer, tem de haver um meio de lidar com o assunto de maneira intrépida, mas cautelosa. Ainda que a influência seja difícil de medir numa pesquisa histórica, pretendo usar um método que pode ajudar na pesquisa de tal influência: em primeiro lugar, analisar o que Calvino desenvolveu sobre a disciplina eclesiástica antes de seus três anos em Estrasburgo, partindo da suposição de que a influência de Bucer sobre Calvino antes desse período foi mínima, se é que houve alguma; em segundo lugar, reunir as continuidades e descontinuidades entre Bucer e Calvino sobre disciplina eclesiástica (após 1538) em seus diversos aspectos diferentes; em terceiro lugar, concluir com uma possível resposta à pergunta do título do artigo.

1. CALVINO E A DISCIPLINA ECLESIASTICA ANTES DE ESTRASBURGO

É importante sistematizar o que Calvino entendeu sobre a disciplina eclesiástica antes de ter tido contato estreito com Martin Bucer. Com esse pro-

¹¹ KUHR, Calvin and Basel, p. 32.

¹² SCHAFF, Philip. *History of the Christian church*. 3ª ed. rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1953, Vol. VIII, p. 484-494; CASWELL, R. N. Calvin's view of ecclesiastical discipline, in DUFFIELD, G. E. (Ed.). *John Calvin*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966, p. 210-226; WHITE, Robert. Oil and vinegar: Calvin on church discipline, in *Scottish Journal of Theology*, Vol. 38, no. 1 (1985), p. 25-40; JOHNSON, Stephen M. The sinews of the body of Christ: Calvin's concept of church discipline, in *Westminster Theological Journal*, Vol. 59 (1997), p. 87-100.

¹³ Schaff não menciona quaisquer influências, muito menos a influência de Bucer, porque os estudiosos não tinham levantado a questão àquela altura; a influência de Bucer sobre Calvino começou a receber a devida atenção no começo do século 20. Os outros três – Caswell (p. 213,222), White (p. 37) e Johnson (p. 87) – estão abertos para admitir alguma influência de Bucer.

¹⁴ WHITE, Oil and vinegar, p. 37.

pósito em mente, extrairei afirmações de Calvino das obras e documentos que ele escreveu, ou de cuja produção participou diretamente, antes de sua viagem à cidade de Estrasburgo: a primeira edição das *Institutas da Religião Cristã* (1536), a *Confissão de Genebra* (1536), *Instrução na Fé* (1537) e os *Artigos Concernentes à Organização da Igreja e do Culto em Genebra* (1537).

As três últimas foram escritas dentro do contexto de Genebra. É importante lembrar que as idéias de Calvino não foram levadas àquela cidade como algo radicalmente novo. Embora difícil de quantificar, a igreja genebrina tinha recebido alguma coisa do que Guilherme Farel e outros pastores ensinaram sobre a questão.¹⁵ Ainda mais notável é o fato de que as autoridades da cidade tinham estabelecido algumas leis disciplinares em anos anteriores. Robert M. Kingdon observa que mesmo antes de Farel ter sido nomeado para qualquer posição de liderança e antes de Calvino ter chegado a Genebra, a cidade tinha lutado contra a lassidão moral de seus tempos medievais com regulamentos rigorosos estabelecidos por membros leigos do conselho da cidade.¹⁶ Kingdon até mesmo cita leis específicas promulgadas entre 1534 e 1536, anteriores à adoção do movimento protestante pela cidade (21 de maio de 1536) e antes da chegada de Calvino (julho de 1536). Embora essas leis não tenham sido sistematicamente aplicadas, elas demonstram uma preocupação com a conduta correta antes da influência de Calvino sobre a cidade. Essas observações são importantes para levar em consideração que o jovem Calvino desenvolveu o seu pensamento sobre disciplina eclesiástica no contexto de sua experiência em Genebra. Durante esse período, Farel e a igreja de Genebra estão muito mais próximos de Calvino em termos de moldar o seu pensamento do que o próprio Bucer.

1.1 A edição de 1536 das Institutas

Nesse tratado, escrito em 1535 (mas somente publicado em março de 1536), encontramos o gérmen do ensino de Calvino sobre a disciplina eclesiástica. Talvez como um resíduo do ambiente católico-romano no jovem erudito humanista, Calvino trata da disciplina eclesiástica somente como excomunhão. No capítulo 2, enquanto explica o Credo dos Apóstolos, ele demonstra que, pelo fato de alguns membros de igreja não mostrarem as três marcas dos eleitos (confissão de fé, exemplo de vida e participação nos sacramentos), surge a necessidade da excomunhão.

¹⁵ “Farel e seus colegas tinham em mente uma reconstrução e tinham dado alguns passos significativos no sentido de regular a disciplina, o culto e a educação”. McNEILL, John T. *The history and character of Calvinism*. New York: Oxford University Press, 1962, p. 136.

¹⁶ KINGDON, Robert M. The control of morals in Calvin’s Geneva, in BUCK, Lawrence P.; ZOPHY, Jonathan W. (Eds.). *The social history of the Reformation*. Columbus, OH: Ohio State University Press, 1972, p. 5.

Para esse propósito foi instituída a excomunhão, a fim de que sejam afastados e expulsos da congregação dos crentes aqueles que, falsamente simulando ter fé em Cristo, pela indignidade de vida e licenciosidade desenfreada de pecado, nada mais são do que um escândalo para a igreja, sendo, portanto, indignos de se vangloriar no nome de Cristo.¹⁷

Calvino está preocupado com a honra de Cristo e de sua igreja. Esse é o primeiro propósito da disciplina.

O reformador francês não entende a excomunhão no sentido de “anátema” da teologia católica romana.¹⁸ Ele de fato critica a idéia de que as pessoas excomungadas são “lançadas para fora da esperança de salvação”, mas vê um propósito pastoral na mesma, com base no raciocínio de Paulo em 1 Coríntios 5 de que entregar alguém a Satanás acontece “a fim de que o seu espírito seja salvo no dia do Senhor”.

Conseqüentemente, embora a disciplina eclesiástica não nos permita viver com familiaridade com pessoas excomungadas ou ter íntimo contato com elas, todavia devemos nos esforçar por quaisquer meios que tivermos, seja pela exortação e ensino ou por misericórdia e bondade, ou por nossas próprias orações a Deus, para que elas possam se voltar para uma vida mais virtuosa e possam retornar à sociedade e unidade da igreja.¹⁹

Em outras palavras, Calvino também vê a excomunhão como um meio para o arrependimento e incentiva a comunidade cristã a se envolver nesse objetivo. O arrependimento do pecador, que conduz ao seu bem-estar espiritual, é o segundo propósito da disciplina.

Embora Calvino ainda não tenha sistematizado e desenvolvido o tríplice propósito da disciplina eclesiástica (preservar a honra de Deus através da igreja, evitar a corrupção dos piedosos e promover o arrependimento do pecador), como o fará nas edições posteriores,²⁰ De Ridder²¹ observou a forma embrionária desse tríplice propósito nas seguintes palavras:

¹⁷ CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion* (texto de 1536), trad. por Ford Lewis Battles, rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans /H.H. Meeter Center for Calvin Studies, 1986, II.26. Doravante referida como *Institutas de 1536*.

¹⁸ Na época, Calvino não distinguia entre *excommunicatio minor* e *excommunicatio maior*, uma distinção presente deste o século 12. A excomunhão menor tinha penalidades como a exclusão da Eucaristia e a exclusão da comunhão dos crentes, inclusive o sepultamento na igreja. A excomunhão maior algumas vezes era entendida como uma espécie de penalidade média e outras vezes equiparada ao mais elevado grau de punição, que era o “anátema”. Cf. PFNÜR, Vinzenz. Excommunication, trad. por Robert E. Shillenn, in HILLERBRAND, Hans J. (Ed.). *The Oxford encyclopedia of the Reformation*. Oxford: Oxford University Press, 1996, Vol. 2, p. 83-86.

¹⁹ *Institutas de 1536*, II.28.

²⁰ Cf. *Institutas*, IV.12.5.

²¹ DE RIDDER, Richard R. John Calvin's views on discipline: a comparison of the *Institution of 1536* and the *Institutes of 1559*, in *Calvin Theological Journal*, vol. 21, no. 2 (1986), p. 225-226.

Primeiro, a fim de que eles não sejam citados entre cristãos que vituperam a Deus, como se a sua santa igreja fosse uma conspiração de malfeitores e homens notoriamente ímpios; segundo, a fim de que por relacionamento freqüente eles não corrompam outros pelo exemplo de uma vida perversa; finalmente, para que eles possam começar a se arrepender, consternados pela vergonha, e desse arrependimento eles possam finalmente aprender a “ter juízo”.²² Esses três propósitos, embora não fossem novos entre os reformadores que trataram da disciplina eclesiástica, parecem ter sido organizados de modo original por João Calvino. Ganoczy, enquanto tenta mostrar a influência de Bucer sobre o jovem Calvino, assinala somente um duplo propósito na noção de disciplina abraçada por Bucer: “salvaguardar a honra de Deus e a salvação dos fiéis”.²³

Mais tarde, quando trata do falso sacramento da penitência,²⁴ o jovem Calvino enfatiza que a igreja tem o poder das chaves, para prender aqueles que permanecem em seus pecados e para libertar os que se arrependem. Ele usa expressões como “o julgamento da igreja”, “o voto dos crentes” e “o julgamento pelos crentes” em oposição ao modo episcopal pelo qual a Igreja Romana tinha colocado toda a autoridade sobre o clero. Para prender e soltar, Jesus “chama a igreja, não uns poucos insignificantes tonsurados, com as barbas feitas, que usam linho, mas a assembléia do povo crente, reunido em seu nome”.²⁵ Ganoczy sugere que este entendimento do poder das chaves veio de Bucer, como foi mencionado anteriormente. Contudo, o próprio Ganoczy cita o comentário feito por Lefèvre d’Étaples sobre Mateus 16, expondo que as chaves foram dadas a Pedro como um representante de toda a igreja, ao invés de somente do clero.²⁶ Se Calvino recebeu esse entendimento de alguém, seria mais provável que o tivesse recebido de Lefèvre do que de Bucer.

Ao contrário do que Demura declarou²⁷ – que todas as afirmações a respeito da natureza corretiva da disciplina eclesiástica estavam ausentes dessa

²² *Institutas de 1536*, II.26.

²³ GANOCZY, *The young Calvin*, p. 166. Não obstante, quando Bucer debateu com os anabatistas em Marburg sobre a questão da disciplina eclesiástica – de 30 de outubro a 3 de novembro de 1538 – ele mencionou dois outros propósitos: “que os bons não sejam corrompidos pelos maus e que aqueles que são excluídos possam ser envergonhados”. LITTELL, Franklin H. *New light on Butzer’s significance*, in LITTELL, Franklin H. (Ed.). *Reformation studies: essays in honor of Roland H. Bainton*. Richmond: John Knox, 1962, p. 150. Esses dois propósitos parecem coincidir com o segundo e o terceiro no pensamento de Calvino. Se esses propósitos estiveram presentes anteriormente no pensamento de Bucer, ou se essa é uma influência de Calvino sobre Bucer, é difícil de determinar.

²⁴ Nesta seção, Calvino estava se opondo principalmente ao que, no final da Idade Média, se tornou a parte mais importante do sacramento da penitência: a absolvição do sacerdote, o poder das chaves para perdoar pecados.

²⁵ *Institutas de 1536*, V.30.

²⁶ GANOCZY, *The young Calvin*, p. 351 (notal final 67).

²⁷ DEMURA, *Church discipline according to Johannes Oecolampadius in the setting of his life and thought*, p. 168.

primeira edição das *Institutas*, concluindo assim que Calvino tinha pouco ou nenhum interesse na disciplina da excomunhão àquela altura – Calvino não somente demonstrou uma preocupação pastoral no segundo propósito mencionado acima, mas declarou o seu entendimento total da disciplina eclesiástica que ele então possuía. Embora ele não desenvolva “métodos e procedimentos na situação concreta”, como Demura assinala, é preciso lembrar que Calvino tinha somente 26 anos de idade e não havia adquirido a experiência pastoral que veio a ter quando foi pela primeira vez para Genebra, e muito mais em Estrasburgo.

1.2 A Confissão de Genebra (1536)

Essa confissão de fé foi apresentada por Guilherme Farel e João Calvino aos magistrados de Genebra em 10 de novembro de 1536. Assim, mesmo que Farel tenha participado da produção dessa confissão, é seguro admitir que Calvino foi responsável pelo menos em parte pelo seu conteúdo.

Desde o início até os seus últimos dias, Calvino nunca colocou a disciplina como uma das marcas da igreja. No artigo 18 da confissão, a fiel pregação (e a obediência) do Evangelho e a devida administração dos sacramentos são as únicas duas marcas. Mas no artigo seguinte, os proponentes da confissão “sustentam a disciplina da excomunhão como sendo uma coisa santa e salutar entre os fiéis”. Então, o seu propósito é declarado numa dupla estrutura que soa mais como tríplice: “Isto é para que os ímpios, por sua conduta condenável, não corrompam os bons e desonrem o nosso Senhor, e para que, embora orgulhosos, eles possam voltar-se para a penitência”.²⁸

Comparada com a edição de 1536 das *Institutas*, há somente um pequeno aperfeiçoamento, embora seja mencionado rapidamente. Ela mostra explicitamente a necessidade de admoestação antes de qualquer medida que conduza à excomunhão.²⁹ Esta é a primeira vez que Calvino demonstra alguma preocupação com estágios na aplicação da disciplina.

1.3 Instrução na Fé (1537)

Este documento, escrito unicamente por Calvino, sanciona o seu entendimento sobre o assunto como ele foi previamente exposto em suas *Institutas*. No capítulo 32, sobre o tema da excomunhão, ele menciona várias transgressões que, se manifestas continuamente, deveriam levar à excomunhão. Ele lembra que isso não significa “ruína perpétua e desespero”, mas desaprovação de conduta e maneiras, e uma condenação certa no caso de não

²⁸ REID, J. K. S. (Ed.). *Calvin: theological treatises*, trad. por J. K. S. Reid, *The library of Christian classics*, vol. XXII (Philadelphia: Westminster, s. d.), p. 31.

²⁹ *Ibid.*, p. 32.

haver arrependimento. Então, ele descreve o segundo e o terceiro propósitos da disciplina, e termina defendendo a autoridade da Igreja, dada por Deus, de julgar e pronunciar sentença sobre aqueles que não se corrigem.³⁰

1.4 Artigos concernentes à organização da Igreja e do culto em Genebra (1537)

Esses *Artigos* foram apresentados por Calvino aos vários conselhos de Genebra em janeiro de 1537. Eles tinham um entendimento mais completo da disciplina cristã sob uma ampla organização eclesiástica: a celebração mensal da Ceia do Senhor, uma confissão de fé de cada habitante, cântico de Salmos na ordem do culto, instrução catequética das crianças, etc. Mas a proposta de Calvino para a disciplina foi rejeitada pelos conselhos, visto entenderem que a supervisão da moralidade pública era competência das autoridades civis.³¹ Calvino lutou para implementar seu sistema disciplinar não somente durante sua primeira estada em Genebra. Mesmo em sua segunda permanência na cidade, ele debateu com os conselhos da cidade até 1555 sobre a autonomia da igreja no que diz respeito à excomunhão.³² Esses *artigos* já nos dão uma idéia do que mais tarde se tornou matéria de longos e difíceis debates.

A excomunhão é primeiramente mencionada como um meio de alcançar integridade na igreja e de evitar a profanação da Ceia do Senhor por parte daqueles que, por sua vida ímpia, demonstram que não pertencem a Cristo.³³ A base bíblica é mencionada (Mateus 18; 1 Timóteo 1; 1 Coríntios 5), o tríplice propósito é repetido e ele novamente critica a corrupção romana da excomunhão, desenvolve os estágios da disciplina de acordo com Mateus 18 – algo que a Confissão de Genebra tinha mencionado apenas brevemente – e afirma que a disciplina deveria estar nas mãos da igreja, não do clero. Este último aspecto da teologia de Calvino mostra quão importante seria ter a presença de leigos no Consistório, na segunda vez que ele foi para Genebra.

Não obstante essas reiterações, Calvino inova quando menciona a necessidade de homens como representantes da igreja na observação da conduta. Ele pede ao Conselho para “ordenar e eleger certas pessoas de vida reta e bom testemunho... que sejam dispersas e distribuídas em todos as áreas da cidade, tendo supervisão sobre a vida e o governo de cada um deles”.³⁴ Eles ajudariam

³⁰ CALVIN, John. *Instruction in Faith (1537)*, trad. e ed. por Paul T. Fuhrmann. Louisville, Kentucky: Westminster/John Knox, 1992, p. 72-73.

³¹ WENDEL, *Calvin*, p. 52.

³² Para um relato conciso da luta de Calvino contra os perrinistas no começo da década de 1550 e da ajuda de Bullinger nessa questão, ver BAKER, Christian discipline and the early Reformed tradition, p. 112-119. Para um sumário sobre como funcionou o consistório durante a segunda estada de Calvino em Genebra, ver KINGDON, The control of morals in Calvin's Geneva, p. 6-16.

³³ REID, *Calvin: theological treatises*, p. 50.

³⁴ *Ibid.*, p. 52.

a realizar o primeiro passo de Mateus 18 ao levarem o assunto aos ministros para a admoestação do transgressor. Embora o reformador não desenvolva o tema tão plenamente como fez depois de Estrasburgo, a idéia já está presente em seu esquema e apenas precisa ser lapidada.

Outro aspecto peculiar a esse tratado é como ele argumenta sobre a distinção entre a igreja e o estado na correção da moral, dizendo que este complementa o trabalho daquela. A punição aplicada pelo magistrado é incentivada como um meio de honrar Deus nas seguintes palavras:

Mas se há alguém tão insolente e entregue a toda perversidade que somente ria ao ser excomungado e não se importe em viver e morrer em tal rejeição, será seu dever considerar se você deve tolerar por longo tempo e deixar impune tal desprezo e zombaria contra Deus e o seu evangelho.³⁵

Visto que a idéia de a moralidade ser controlada somente pelo estado estava presente mesmo entre alguns reformadores (Zuínglio e Bullinger³⁶), Calvino queria assegurar que os magistrados não pensassem que perderiam o seu poder se a autoridade para disciplinar fosse entregue à igreja. Esta separação entre a Igreja e o Estado na questão da disciplina eclesiástica poderia ser chamada de “princípio de Ecolampádio”,³⁷ visto que ele foi o primeiro a sugerir-la.

Tendo detectado algumas inovações desses *Artigos* em comparação com as *Institutas* de 1536, Akira Demura sugere que se trata de aspectos dos ensinamentos de Ecolampádio incorporados nas Ordenanças de Basiléia.³⁸ Embora alguns desses paralelos possam ser verdadeiros, em sua tese parece haver uma inexactidão metodológica. Ele crê que Calvino não poderia ter incluído nas *Institutas* qualquer coisa que tivesse aprendido em Basiléia, porque quando escreveu a carta dedicatória em agosto de 1535, ele provavelmente tinha concluído a maior parte de sua obra. Assim, o que aparece nos Artigos, mas não estava nas *Institutas*, deve ter vindo de sua experiência em Basiléia. Entretanto, como poderia Calvino não ter incorporado em suas *Institutas* qualquer coisa de sua experiência da Basiléia se ele havia chegado a essa cidade no outono de 1534, como Demura acredita, um ano antes da carta introdutória e dois antes da publicação do livro? Isso soa ainda mais estranho se levamos em conta que Calvino foi para Basiléia com o propósito de estudar, como Demura sugere. Como ele não poderia refletir sobre o sistema de disciplina eclesiástica de Basiléia se a sua viagem para aquela cidade teve a intenção de organizar os seus pensamentos

³⁵ Ibid., p. 52-53.

³⁶ Cf. BAKER, Christian discipline and the early Reformed tradition.

³⁷ DEMURA, Church discipline according to Johannes Oecolampadius in the setting of his life and thought, p. 171.

³⁸ Ibid., p. 166-167.

e colocá-los em forma escrita? A única resposta a esse erro metodológico seria admitir que Farel, tendo conhecido Ecolampádio e passado algum tempo em Basileia, fosse o instrumento dessa influência manifesta nos *Artigos*.³⁹ Todavia, isso permanece apenas uma conjectura, difícil de investigar e provar.

O que é verificável nesses *Artigos* é que todos os elementos da disciplina eclesiástica na mente do jovem Calvino são reunidos nesse documento. Ele defendeu esses elementos e a sua posição explicou a sua expulsão de Genebra. O Concílio dos Duzentos não deu aos ministros o poder de excluir qualquer pessoa da comunhão, Calvino e seus colegas (Farel e Corauld) se recusaram a ministrar a Santa Ceia e essa atitude deles resultou num decreto do Conselho Geral ordenando que os três deixassem a cidade.⁴⁰ Isto aconteceu em abril de 1538.

O fato de que Calvino foi expulso de Genebra por questões relacionadas à disciplina eclesiástica é uma indicação de que essa doutrina já era um aspecto importante no espectro teológico do jovem reformador francês.

2. CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES ENTRE BUCER E CALVINO

Embora François Wendel siga a antiga pesquisa de A. Lang ao reconhecer a influência de Bucer sobre o jovem autor das *Institutas* de 1536, ele é cuidadoso o suficiente para concluir que o pensamento de Bucer é mais reconhecível nas edições de 1539 e 1543.⁴¹ Esta segunda parte do raciocínio de Wendel é exatamente a linha de pensamento que esta seção irá seguir. Sabemos que esses reformadores discutiram o tópico da disciplina eclesiástica, como exemplifica a última carta de Bucer a Calvino,⁴² e as convicções deles sobre essa questão devem ter sido inspiradoras para ambos.⁴³ Somente uma comparação das suas obras será capaz de medir quais aspectos da disciplina combinavam e quais não.

³⁹ BAKER, Christian discipline and the early Reformed tradition, p. 110.

⁴⁰ McNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 143.

⁴¹ WENDEL, *Calvin*, p. 142. Cf. VAN'T SPIJKER, Bucer's influence on Calvin, p. 38.

⁴² Escrevendo da Inglaterra, Bucer aflige-se por causa da triste situação em que está a igreja dessa nação e lamenta que haja "mestres que se atrevem a escrever e a asseverar publicamente que é uma tentativa fanática construir qualquer sistema de disciplina eclesiástica e penitencial, pelo qual aqueles que causaram ofensas abertamente deveriam ser compelidos a fazer penitência e, quando esta é realizada, serem absolvidos de tal ofensa e receberem a absolvição da igreja por seus pecados particulares". ROBINSON, Hastings (Ed.). *Original letters relative to the English Reformation*. Cambridge: The University Press, 1847, vol. II, p. 547. Carta de 25 de maio de 1550.

⁴³ Willem van't Spijker fala de como Calvino seguiu as tentativas de Bucer de introduzir a disciplina na cidade de Estrasburgo e de como o exemplo de Calvino na igreja de refugiados franceses causou uma impressão sobre Bucer. VAN'T SPIJKER, *The ecclesiastical offices in the thought of Martin Bucer*, p. 339-343.

Houve um claro desenvolvimento da doutrina da disciplina eclesiástica nas edições de 1539 e 1543. A edição latina de 1539 aumentou para 17 capítulos, em contraste com os 6 capítulos da primeira edição. Sobre a questão da disciplina eclesiástica – tratada principalmente na exposição do Credo Apostólico (capítulo 4 da edição de 1539) sob o título “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos” – Calvino apresentou uma evolução significativa (p. 139-148 da edição original). Contudo, foi somente na edição latina de 1543, com um formato completamente mudado, que ele discursou de maneira completa sobre a disciplina eclesiástica (Capítulo 8, “*De Disciplina, clauibus, correctione ac excommunicatione Ecclesiae*”). A seção IV.12.1-13 da tradução feita por Battles da edição de 1559 – onde está o âmago do ensino de Calvino sobre o assunto – tinha sido plenamente escrita em 1543 (corresponde às páginas 228-233 da edição original de 1543). Portanto, neste artigo a tradução feita por Battles da edição de 1559 será usada para citações,⁴⁴ a fim de descobrir similaridades e dissimilaridades com Bucer.

Uma outra fonte que será analisada são as *Ordenanças Eclesiásticas* de 1541, escritas por Calvino e seus colegas de ministério logo após ele ter retornado a Genebra.⁴⁵ As *Ordenanças Eclesiásticas* são uma forma expandida dos *Artigos* de 1537, de acordo com Demura,⁴⁶ que em sua argumentação vê as Ordenanças de Genebra cheias da influência de Ecolampádio. Kuhr, por outro lado, vê nas Ordenanças de 1541 “um novo sistema disciplinar que é basicamente independente de seu predecessor da Basileia” e atribui essas diferenças a Bucer.⁴⁷ Assim, Kuhr, a despeito de apresentar a ligação direta entre os princípios de Ecolampádio e Calvino, concorda com a influência de Bucer nesse documento.

Analisando essas obras escritas em Estrasburgo ou logo após Calvino ter retornado a Genebra, e comparando-as com as palavras de Bucer, seremos capazes de identificar um relacionamento mais próximo entre os dois reformadores. Vários aspectos das idéias de Calvino sobre disciplina eclesiástica escritas após 1538, sejam novos ou desenvolvidos em comparação com seus

⁴⁴ McNEILL, John T. (Ed.). *Calvin: Institutes of the Christian Religion*, trad. por Ford Lewis Battles, *The Library of Christian Classics*. Vols. XX e XXI. Philadelphia: The Westminster Press, 1960. O ensino sistematizado sobre a disciplina eclesiástica pode ser encontrado no capítulo 12 do Livro IV. Contudo, o capítulo mais antigo tem as idéias dele sobre a relação entre Igreja e Estado concernentes ao poder das chaves.

⁴⁵ O texto usado seria apresentado pelos pastores ao concílio em 13 de setembro de 1541. Após uma comissão designada tê-lo revisado e terem sido feitas alterações pelo Pequeno Concílio e pelo Concílio dos Duzentos, o esboço revisado foi submetido ao Concílio Geral em 20 de novembro do mesmo ano. REID, *Calvin: theological treatises*, p. 56.

⁴⁶ DEMURA, Church discipline according to Johannes Oecolampadius in the setting of his life and thought, p. 173.

⁴⁷ KUHR, Calvin and Basel, p. 29.

escritos anteriores, poderiam ser resultado da influência do reformador de Estrasburgo. Somente alguns desses aspectos serão discutidos, deixando outros tópicos para pesquisa futura.

2.1 Uma visão panorâmica da disciplina em Bucer

Antes de entrarmos em comparações específicas, vale dizer que Bucer tinha um entendimento mais amplo da disciplina na igreja. Bucer entendia a disciplina como um importante meio para a formação de uma nova sociedade cristã. Portanto, ela

significava mais do que simplesmente punir aqueles que haviam pecado. Em suas obras mais maduras, o seu entendimento da disciplina veio a ter quatro elementos: instrução religiosa para crianças e adultos; uma confissão pública de fé e obediência, especialmente como parte de uma cerimônia de confirmação; admoestação fraternal combinada com a supervisão da moral por pastores e presbíteros leigos; e, em casos de pecado grave, a imposição de uma penitência pública e, se necessário, a excomunhão.⁴⁸

Esta é a razão pela qual Amy Burnett usa a expressão “disciplina cristã” para descrever o sistema inteiro e limita a “disciplina eclesiástica” a medidas aplicadas para a correção de pecadores.⁴⁹

O entendimento de Bucer acerca da disciplina eclesiástica se desenvolveu no decurso de seu trabalho, principalmente em Estrasburgo. Ele chegou a essa cidade em maio de 1523 e ali permaneceu até que os protestantes foram derrotados na Guerra de Schmalkald e o Íterim de Augsburg (1548) foi imposto contra a oposição de Bucer. Ele foi forçado a deixar a cidade e, no começo de 1549, aceitou o convite de Thomas Cranmer para ir à Inglaterra, onde passou os últimos anos de sua vida. Durante toda a sua permanência em Estrasburgo, ele ocupou posições de liderança na esfera eclesiástica. Ele foi o pioneiro no entendimento da igreja como uma “comunidade confessante” e enfatizou a necessidade da confirmação a fim de que a excomunhão fosse mais edificante, em oposição à “igreja multitudinária”, que não acolhia qualquer disciplina corretiva. Nesse sentido, os dois primeiros dos quatro elementos da disciplina mencionados acima tinham de vir antes de qualquer aplicação de autoridade coercitiva. Apesar de seus 25 anos de esforço, ele nunca conseguiu estabelecer um sólido sistema disciplinar naquela cidade. Argumenta-se com frequência que Bucer realizou em outros lugares, como Ulm e Hesse, muito mais do que o fez em seu próprio domínio.

⁴⁸ BURNETT, Amy Nelson. Church discipline and moral reformation in the thought of Martin Bucer, in *Sixteenth Century Journal*, vol. XXII, no. 3 (Autumn 1991), p. 440.

⁴⁹ BURNETT, Amy Nelson. *The yoke of Christ: Martin Bucer and Christian discipline. Sixteenth Century Essays & Studies*, vol. XXVI. Kirksville, MO: Sixteenth Century Journal Publishers, 1994, p. 1 (nota 2).

Diversas obras de Bucer podem ser usadas para mostrar o seu entendimento total da disciplina eclesiástica. Seus pensamentos iniciais podem ser extraídos de sua *Enarrationum in evangelia Matthaei, Marci, & Lucae* (“Comentário dos Evangelhos Sinóticos”, publicado em 1527, 1530 e 1536), das ordenanças eclesiásticas produzidas para Estrasburgo (1534) e para cidades do sudoeste da Alemanha (como Ulm – 1531, e Hesse – 1538/1539), dos registros do Debate de Marburg, na região de Hesse (1538),⁵⁰ e especialmente de seu importante tratado intitulado *Von der waren Seelsorge* (“Sobre o Verdadeiro Cuidado Pastoral”, publicado na primavera de 1538). Burnett afirma que o entendimento mais amplo de Bucer sobre a disciplina estava essencialmente completo no final da década de 1530.⁵¹ As obras que foram produzidas após o estabelecimento de Calvino em Estrasburgo, e que serão usadas para complementar as idéias de Bucer, são *Um Breve Sumário da Doutrina Cristã* (1548),⁵² suas *Preleções sobre Efésios*⁵³ feitas em Cambridge (1550-1551) e sua principal obra *O Reino de Cristo* (1550).⁵⁴

2.2 As Bases da Disciplina

2.2.1 O entendimento de textos bíblicos básicos (Mateus 18; 1 Coríntios 5)

À medida que abordamos o entendimento de cada um dos textos bíblicos mais importantes relacionados com a disciplina eclesiástica, tais como Mateus 18 e 1 Coríntios 5, vemos algumas semelhanças. Em primeiro lugar, há um paralelo em compreender a intenção pastoral que está por trás, não apenas dos três passos de admoestação afirmados em Mateus 18.15-17, mas do processo disciplinar como um todo. Em seu comentário sobre os Evangelhos Sinóticos, publicado em 1555, Calvino começa enfatizando que “o desígnio disto [admoestações constantes], como tenho dito, é impedir que a caridade seja violada sob a pretensão de zelo fervoroso”.⁵⁵ Calvino chama essas admoestações “o remédio que o Senhor prescreve para promover a salvação dos irmãos”.⁵⁶ Mesmo a excomunhão é entendida como um “remédio”, pois em seu *Comentário de 1 Coríntios* (1546), Calvino escreveu que Paulo “prescreve, então, como um remédio para a doença, a excomunhão, que eles [os coríntios]

⁵⁰ LITTELL, New light on Butzer’s significance, p. 145-167.

⁵¹ BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 7.

⁵² WRIGHT, D. F. (Ed.). *Common places of Martin Bucer*. Trad. por D. F. Wright. The Courtenay Library of Reformation Classics, vol. 4. Appleford: The Sutton Courtenay Press, 1972, p. 75-94.

⁵³ *Ibid.*, p. 201-304.

⁵⁴ PAUCK, Wilhelm (Ed.). *Melanchthon and Bucer*. Philadelphia: Westminster, 1969, p. 155-394.

⁵⁵ CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke – Volume 2*. <http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom32.pdf> (2 nov. 2004), p. 219.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 220.

tinham pecaminosamente demorado em aplicar”.⁵⁷ Bucer também sublinha que essas admoestações, sejam públicas ou particulares, tinham acima de tudo o objetivo de ganhar o pecador para o Senhor.⁵⁸ Em sua obra *O Reino de Cristo*, ele descreveu o processo disciplinar como um “remédio de salvação” e disse que a excomunhão é um “remédio de salutar abstenção e de prevenção... na cura das feridas dos irmãos”.⁵⁹ A segunda semelhança é sobre a identidade “da igreja” em Mateus 18.17. Calvino entende que Jesus estava falando a respeito de um grupo de líderes em contraste com a totalidade do grupo de cristãos, baseado na idéia de que a superintendência da moral e da doutrina e, portanto, o poder de excomunhão pertencia aos presbíteros da comunidade judaica (o Sinédrio) na época de Jesus.⁶⁰ Comentando 1 Coríntios 5.4, ele fala de uma “autoridade comum” em contraste com uma autoridade do tipo episcopal, “um presbitério”, “uma assembléia de presbíteros, que, pelo consentimento de todos, tinha o poder de julgar inicialmente o caso”.⁶¹ Esse entendimento tinha sido sintetizado na edição de 1543 das *Institutas*.⁶² Bucer também acreditava que a repreensão de Mateus 18.17 deveria ser feita “em nome de toda a congregação de Cristo”⁶³ e a excomunhão como algo que vinha “pelo julgamento comum de todos”.⁶⁴ Todavia, Elsie Anne McKee interpreta esse ensino sobre um concílio de homens (leigos e clérigos) que agem em lugar da totalidade da igreja como sendo um ensino comum à maior parte dos Protestantes, com a exceção dos anabatistas. A diferença entre eles estava na identidade dos membros leigos desse concílio, que para alguns (zinglianos, luteranos e alguns anglicanos) significava a participação dos governantes cristãos na disciplina eclesiástica, enquanto que para outros (Ecolampádio, Bucer e Calvino) era visto como um grupo eclesiástico distinto da autoridade civil.⁶⁵ O que importa é observar o

⁵⁷ CALVIN, John. *Commentary on Corinthians – Volume 1*. <http://www.ccel.org/ccel/calvin/cal-com39.pdf> (2 nov. 2004), p. 110.

⁵⁸ WRIGHT, *Common places of Martin Bucer*, p. 88. “As admoestações ao arrependimento não deveriam simplesmente ser dadas uma vez em cada um dos três estágios prescritos em Mateus 18, o modelo para o exercício da disciplina, mas deveriam ser repetidas em cada nível enquanto houvesse esperança de o pecador ouvir. A excomunhão, como o remédio mais drástico para o pecado, deveria ser aplicada somente quanto tudo mais tivesse falhado”. BURNETT, *Church discipline and moral reformation in the thought of Martin Bucer*, p. 448.

⁵⁹ PAUCK, *Melanchthon and Bucer*, p. 246, 247.

⁶⁰ CALVIN, *Commentary on Matthew, Mark, Luke – Volume 2*, p. 221.

⁶¹ CALVIN, *Commentary on Corinthians – Volume 1*, p. 110.

⁶² *Institutas*, IV.12.2.

⁶³ WRIGHT, *Common places of Martin Bucer*, p. 88.

⁶⁴ PAUCK, *Melanchthon and Bucer*, p. 246.

⁶⁵ McKEE, Elsie Anne. Calvin, discipline, and exegesis: the interpretation of Mt. 18,17 and I Cor. 5,1ff in the sixteenth century, in BACKUS, Irena; HIGMAN, Francis (Eds.). *Théorie et pratique de l'exégèse: Actes du troisième colloque international sur l'histoire de l'exégèse biblique au XVIe siècle*. Geneva: Librairie Droz, 1990, p. 321-323.

desenvolvimento de Calvino nessa questão, pois a idéia de leigos eleitos como representantes da igreja para a supervisão da moral, já mencionada nos *Artigos* de 1537, é expandida em obras posteriores.

Essas semelhanças no entendimento dos textos básicos do Novo Testamento quanto à disciplina nos mostram que havia alguma continuidade. Pode ser que o comentário de Bucer sobre os evangélicos sinóticos tenha influenciado o entendimento de Calvino acerca de Mateus 18, porque no final da introdução de seu próprio comentário Calvino escreveu a respeito de ter o comentário de Bucer como seu modelo.

Se fui bem sucedido ou não em minha expectativa, o leitor deve decidir por sua própria experiência. Longe de mim reivindicar o louvor de ter produzido alguma coisa nova, eu prontamente reconheço, como convém a um homem honesto, que tenho adotado este método imitando outros. *Bucer*, um homem de memória reverenciada, e um mestre eminente da Igreja de Deus, que acima de todos os outros me parece ter laborado com sucesso neste campo, tem sido especialmente o meu modelo. Assim como ele utilizou os labores dos antigos que trilharam esse caminho antes dele, assim a minha labuta foi aliviada em muito pela sua diligência e aplicação. Onde eu uso da liberdade de diferir dele (o que tenho feito livremente sempre que necessário), o próprio Bucer, se ainda fosse um habitante desta terra, não ficaria descontente.⁶⁶

2.2.2 O uso dos Pais da Igreja

Embora Calvino fosse um humanista, a sua primeira edição das *Institutas* não faz um uso completo dos pais da igreja na questão da disciplina eclesiástica. Por outro lado, falando a respeito do progresso incorporado na edição de 1543 das *Institutas*, Robert White diz que

o autor não está surdo às lições da história. Recorrendo amplamente aos Pais, ele registra com dissabor a dureza de Tertuliano com os apóstatas, aplaude a restrição de Crisóstomo e aprende do conflito de Agostinho com os donatistas as virtudes da prudência e da paz.⁶⁷

Calvino cita diversas vezes as obras polêmicas de Agostinho contra os separatistas donatistas. Além dos mencionados acima, Calvino ainda usa Cipriano e Ambrósio como escritores que explicaram as práticas penitenciais dos primeiros séculos. Isso mostra que, durante seus anos em Estrasburgo, Calvino tinha se voltado para os clássicos cristãos e tinha lido muita coisa do que eles disseram sobre disciplina.

⁶⁶ CALVIN, John. *Commentary on Mathew, Mark, Luke – Volume 1*. <http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom31.pdf> (2 nov. 2004), p. 18-19.

⁶⁷ WHITE, Oil and vinegar, p. 35.

A obra de Bucer *Von der waren Seelsorge* (1538) mencionou alguns dos mesmos escritores: Tertuliano, Cipriano e Ambrósio. Duas citações idênticas se salientam. A excomunhão do imperador Teodósio por Ambrósio é citada por Bucer para ilustrar como a disciplina deveria ser aplicada.⁶⁸ Calvino faz um relato do mesmo exemplo do imperador Teodósio.⁶⁹ Durante o Debate de Marburg em 1538, Bucer apresenta o exemplo de Judas, que participou da primeira comunhão ministrada pelo próprio Cristo porque não tinha sido condenado perante a igreja.⁷⁰ Calvino dá a mesma explicação da razão pela qual Judas participou da Santa Ceia, porém citando obras de Agostinho,⁷¹ o que também indica a provável fonte da explicação de Bucer. É possível que Bucer tenha apresentado a Calvino as idéias de alguns Pais da Igreja sobre a disciplina como uma fonte para a elaboração que ambos fizeram desse tema.

2.3 O Contexto da Disciplina

2.3.1 Reação ao extremo anabatista

Vimos como Calvino reagiu aos católicos no entendimento que tinham da penitência e da excomunhão. Entretanto, Calvino não debateu com a visão anabatista da disciplina em seus escritos iniciais. Isso irá aparecer principalmente em obras escritas no começo da década de 1540. Além da segunda e da terceira edições das *Institutas*, em 1544 ele escreveu uma *Breve Instrução para Armar Todos os Bons Fiéis contra os Erros da Seita Comum dos Anabatistas*, na qual, entre outros temas, escreveu sobre a noção dos mesmos acerca da excomunhão. Pois bem, os anabatistas eram uma seita comum bem antes de 1544. Assim sendo, por que não chamaram a atenção de Calvino?

Os anabatistas haviam dado ênfase à necessidade de reinstaurar a excomunhão desde a metade da década de 1520. Kenneth Davis argumenta que o grupo anabatista contribuiu para a tradição reformada com essa ênfase e convenceu Bucer a considerar a disciplina uma das marcas da igreja.⁷² Bucer e seu colega Wolfgang Capito dialogaram com os anabatistas por um longo período (1525-1538) e, embora se opusesse à sua separação da igreja, ele deu crédito a algumas de suas críticas. Especificamente, ele discutiu com alguns líderes no Debate de Marburg em 1538 (de 30 de outubro a 3 de novembro), convencendo mais de 200 seguidores a retornarem para a igreja de Hesse. Esse debate era novo no ambiente de Estrasburgo quando Calvino chegou.

⁶⁸ BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 106.

⁶⁹ *Institutas*, IV.12.7.

⁷⁰ LITTELL, *New light on Butzer's significance*, p. 148-149.

⁷¹ *Institutas*, IV.17.34.

⁷² DAVIS, Kenneth R. *No discipline, no church: an Anabaptist contribution to the Reformed tradition*, in *Sixteenth Century Journal*, vol. 13, no. 4 (Winter 1982), p. 49, 55.

Falando a respeito do princípio anabatista de buscar a santidade visível na igreja sobre a terra, Kenneth Davis registra que

a maioria dos anabatistas sustentava que, embora a sociedade em geral pudesse corresponder à parábola do joio (Mateus 13) e incluir abertamente crentes e incrédulos, a igreja não podia.⁷³

Bucer se opôs à separação dos mesmos com um entendimento diferente dessa parábola. Ele escreveu:

Além do mais, enquanto a igreja estiver aqui na terra, ela será sempre mista, contendo ovelhas, a saber, os santos, e bodes, os hipócritas. As sementes do joio são semeadas pelo diabo; elas são bodes, não ovelhas. Naturalmente, elas passam despercebidas entre as ovelhas, mas certamente não são ovelhas, como as sementes do joio estão escondidas entre o bom trigo, mas certamente não são o trigo bom. Se em qualquer momento essas sementes de joio e bodes revelarem a sua impiedade, eles devem ser disciplinados e levados ao cumprimento do devido arrependimento, e se rejeitarem a disciplina e desprezarem o arrependimento devem ser tratados “como pagãos e publicanos”.⁷⁴

No entendimento de Bucer, a parábola do joio não é justificativa para a frouxidão na disciplina eclesiástica. Embora a igreja não possa distinguir perfeitamente entre ovelhas e bodes, trigo e joio – e, portanto, nem deve tentar, como os anabatistas estavam fazendo – ele ainda assim crê que a igreja recebeu o ministério da disciplina. No Debate de Marburg, ele disse: “Se existe joio no meio, eles devem ser tolerados até a colheita, a menos que se tornem tão salientes que possam ser arrancados com vantagem e sem perigo para o trigo”.⁷⁵ Para Bucer, a presença do joio não era um obstáculo para a disciplina e não deveria levar ao cisma. O pedido mais freqüente que ele fez aos líderes anabatistas no Debate de Marburgo foi este: textos-prova para o seu separatismo. Ele não obteve respostas satisfatórias a esse pedido.

O argumento de Calvino é semelhante ao de Bucer. Falando dos anabatistas como um exemplo “daqueles que, imbuídos de uma falsa convicção de sua própria santidade perfeita... recusavam associar-se com todos os homens nos quais discernem qualquer resquício da natureza humana”, Calvino entendia que eles pecavam ao julgarem que não havia nenhuma igreja onde a comunidade toda não vivesse retamente. Exatamente como Bucer, ele considerava legítima a queixa dos mesmos de falta de integridade na igreja, mas argumentava com a parábola da rede e a parábola do joio que o Senhor havia declarado que a

⁷³ Ibid., p. 44.

⁷⁴ WRIGHT, *Common places of Martin Bucer*, p. 204-205.

⁷⁵ LITTELL, *New light on Butzer's significance*, p. 153.

igreja laboraria sob esse mal até o Dia do Juízo.⁷⁶ Exatamente como o exemplo dos cismáticos donatistas, os anabatistas estavam sendo enganados por Satanás “quando, em ocasião de justa severidade, ele [Satanás] induz homens à crueldade impiedosa, buscando somente corromper e romper o vínculo da paz e da unidade”.⁷⁷

Embora Calvino tenha tido algumas confrontações com os anabatistas em 1537, parece que a sua preocupação em refutar o uso rigoroso que faziam da excomunhão foi resultado do antigo debate entre Bucer e os anabatistas. Contudo, pode ser que tenha usado palavras mais pesadas em suas obras polêmicas porque ele certamente não era um reconciliador como havia sido Bucer. Talvez seja por isso que Davis entendeu que os anabatistas tiveram uma influência mais direta e intensa sobre Bucer do que sobre Calvino.⁷⁸

2.3.2 As marcas da Igreja

Calvino manteve duas marcas da igreja, a fiel pregação da Palavra e a ministração dos sacramentos, desde a primeira até a última edição das *Institutas*.⁷⁹ A idéia de duas marcas não era original em Calvino, visto que a Confissão de Augsburgo (1530) já as havia estabelecido no seu sétimo artigo. Stephen Johnson crê que a rejeição de Calvino da disciplina como marca da igreja foi algo empírico. Embora durante a maior parte do seu ministério ele entendesse a disciplina em Genebra como algo que estava abaixo do padrão bíblico, ainda assim havia uma igreja ali, exatamente como Paulo considerava os coríntios uma igreja.⁸⁰ Porém, Glenn Sunshine crê que a exclusão da disciplina entre as marcas da igreja por parte de Calvino foi uma reação contra os anabatistas.⁸¹ Calvino certamente raciocina dessa maneira com aquele grupo. Para argumentar contra a idéia deles de que onde não há uma conduta ordeira não há uma igreja, ele mencionou as igrejas de Corinto e da Galácia, as quais, mesmo com os seus problemas morais e doutrinários, eram consideradas igrejas cristãs pelo apóstolo Paulo.⁸² Ele afirmou:

Eu reconheço prontamente que a disciplina também pertence à substância da igreja – se vocês quiserem estabelecê-la em boa ordem – e que quando a disciplina está ausente, como quando a excomunhão não é praticada de modo algum, a

⁷⁶ *Institutas*, IV.1.13.

⁷⁷ *Institutas*, IV.12.12.

⁷⁸ DAVIS, No discipline, no church, p. 57.

⁷⁹ *Institutas*, IV.1.9.

⁸⁰ JOHNSON, The sinews of the body of Christ, p. 90-91.

⁸¹ SUNSHINE, Glenn. Discipline as the third mark of the church: three views, in *Calvin Theological Journal*, vol. 33 (1988), p. 479.

⁸² CALVIN, John. *Treatises against the Anabaptists and against the libertines*, ed. e trad. Benjamin Wirt Farley. Grand Rapids: Baker, 1982, p. 57-58.

verdadeira forma da igreja fica nessa medida desfigurada. Mas isto não significa dizer que a igreja esteja totalmente destruída e que o edifício não mais permaneça, porque ela retém o ensino sobre o qual a igreja deve estar fundada.⁸³

Em contraste com Calvino, Bucer considerava a disciplina uma terceira marca da Igreja. No Debate de Marburg, ele afirmou isso muito claramente: “Não pode haver uma igreja sem a disciplina eclesiástica”.⁸⁴ O que pode parecer estranho é o fato de Sunshine argumentar que o entendimento que Bucer tinha da disciplina como marca da igreja também resultou dos debates com os anabatistas,⁸⁵ embora sua reação fosse diferente da de Calvino. Pode ser simplesmente que ele tenha se sentido mais pressionado em Estrasburgo. A inclusão feita por Bucer da disciplina entre as marcas da igreja foi seguida pelos calvinistas posteriores. Ambos os reformadores se preocuparam com a disciplina eclesiástica, mas um pensava que ela era essencial à igreja, enquanto que o outro a entendia como benéfica para a igreja. Nisto eles diferiram ligeiramente.

2.4 A estrutura da disciplina

2.4.1 Os ofícios da Igreja

A diferença mais notável entre os *Artigos de 1537* e as *Ordenanças Eclesiásticas de 1541* é a introdução de quatro ofícios – pastores, doutores (responsáveis pelo ensino), presbíteros e diáconos – com uma grande quantidade de detalhes sobre os deveres de cada ofício. Esse ensino também pode ser encontrado no capítulo 3 do Livro IV das *Institutas*. Por ser tão peculiar, muitos eruditos têm atribuído essa organização eclesiástica à influência de Martin Bucer.⁸⁶ Contudo, tem sido observado como é difícil estabelecer um paralelo exato.⁸⁷ Burnett afirma que

Bucer não foi muito claro em sua discussão sobre os ofícios da igreja, porque ele distinguia somente entre pastores e presbíteros, que conjuntamente eram responsáveis pelo bem-estar espiritual do seu rebanho, e diáconos, que eram responsáveis pelo bem-estar material dos membros da igreja.⁸⁸

⁸³ Ibid., p. 60.

⁸⁴ LITTELL, *New light on Butzer's significance*, p. 148.

⁸⁵ SUNSHINE, *Discipline as the third mark of the church: three views*, p. 473.

⁸⁶ PAUCK, *The heritage of the Reformation*, p. 93; CASWELL, *Calvin's view of ecclesiastical discipline*, p. 222; WHITE, *Oil and vinegar*, p. 37; VAN'T SPIJKER, *The ecclesiastical offices in the thought of Martin Bucer*, p. 340; *idem*, *Bucer's influence on Calvin*, p. 39; KUHR, *Calvin and Basel*, p. 29-30.

⁸⁷ JAYNES, Jeffrey P. *Church ordinances*, in HILLERBRAND, *The Oxford Encyclopedia of the Reformation*, Vol. 1, p. 348; BURNETT, *Church discipline and moral reformation in the thought of Martin Bucer*, p. 448.

⁸⁸ BURNETT, *Church discipline and moral reformation in the thought of Martin Bucer*, p. 448-449.

É mais fácil ver paralelos quando traçamos o desenvolvimento de cada um.

Calvino mencionou nos *Artigos* homens que deveriam ser eleitos e ordenados para a disciplina da igreja, embora a palavra “presbíteros” somente tenha aparecido nas *Institutas* de 1539.⁸⁹ Nas *Institutas* de 1543, ele elabora a participação dos presbíteros nos estágios da disciplina (IV.12.2), de modo semelhante aos *Artigos*. No entanto, mesmo antes do pleno desenvolvimento da edição de 1543, as *Ordenanças Eclesiásticas* criaram um tribunal eclesiástico, o consistório, que consistia de presbíteros leigos eleitos e dos pastores ordenados da cidade. Os presbíteros tinham de ser eleitos em número de “dois do Pequeno Conselho, quatro do Conselho dos Sessenta e seis do Conselho dos Duzentos”, de tal modo que “houvesse alguns em cada região da cidade para ficar de olhos em todos”.⁹⁰ Esse concílio eclesiástico, que também tinha conexões com o estado, era presidido por um presbítero.⁹¹ Havia reuniões uma vez por semana, toda manhã de quinta-feira, a fim de se manter uma constante superintendência da igreja. Isso mostra a espécie de estrutura que Calvino queria que a igreja de Genebra tivesse.

Desde 1531, a igreja em Estrasburgo havia estabelecido os *Kirchenpfleger*, administradores da igreja escolhidos pelos magistrados para exercerem um papel semelhante ao dos presbíteros. Esses homens, três de cada paróquia, tinham a responsabilidade de auxiliar o pastor em assegurar que os cristãos “freqüentassem regularmente o culto, o sermão e os sacramentos e vivessem uma vida cristã”.⁹² Não obstante, o sistema nunca funcionou na prática.⁹³ A frustração de Bucer com os administradores da igreja o levou a lutar com os magistrados de Estrasburgo a fim de implementar uma estrutura eclesiástica em que o ofício de presbítero tivesse funções disciplinares.⁹⁴ O seu catecismo (1534) e a terceira edição de seu comentário dos evangelhos sinóticos (1536) continham essa reivindicação.⁹⁵ *Von der waren Seelsorge* foi uma súplica ainda mais forte por essa estrutura.⁹⁶ O que Bucer não pode realizar em Estrasburgo ele tentou implementar em outro lugar. No Debate de Marburg, ele repetiu o seu entendimento do dever dos presbíteros de supervisionar a vida moral da igreja.⁹⁷ Em consequência disso, os Seelsorger – pastores e presbíteros leigos

⁸⁹ WHITE, *Oil and vinegar*, p. 31.

⁹⁰ REID, *Calvin: theological treatises*, p. 63-64.

⁹¹ KINGDON, *The control of morals in Calvin's Geneva*, p. 7.

⁹² ROTT, Jean. *The Strasbourg Kirchenpfleger and parish discipline: theory and practice*, in WRIGHT, *Martin Bucer: reforming church and community*, p. 123.

⁹³ *Ibid.*, p. 127.

⁹⁴ BURNETT, *Church discipline and moral reformation in the thought of Martin Bucer*, p. 449.

⁹⁵ DAVIS, *No discipline, no church*, p. 52.

⁹⁶ VAN'T SPIJKER, *Bucer's influence on Calvin*, p. 36.

⁹⁷ LITTELL, *New light on Butzer's significance*, p. 155.

responsáveis pela administração da igreja – “tinham a autoridade de impor disciplina penitencial aos arrependidos e excomungar os pecadores contumazes” na ordenança de Hesse.⁹⁸

Naquela época, Calvino estava em Estrasburgo observando o esforço de Bucer para estruturar a igreja com tal liderança. Não admira que ele escreva a Farel em outubro de 1538: “O nosso povo continuar a lutar energeticamente pela instalação da disciplina, todavia, com muita cautela”.⁹⁹ O consistório, considerado por alguns uma influência de Ecolampádio,¹⁰⁰ deve ser entendido como algo que tem mais o peso de Bucer. Se o consistório fosse um resultado da experiência de Calvino em Basileia, isso teria aparecido nos documentos escritos antes de sua viagem para Estrasburgo. Entretanto, ele surgiu como resultado de sua experiência pastoral na igreja de refugiados franceses, aplicando algumas das coisas pelas quais Bucer estava lutando, mas não estava conseguindo fazer funcionar em toda a cidade.

2.4.2 A participação dos magistrados

A separação entre a igreja e o estado, gerando autonomia para a igreja a fim de exercer a disciplina, é outro aspecto que alguns eruditos vêem como algo que Calvino recebeu de Bucer.¹⁰¹ Elsie McKee crê que Bucer não destacou claramente os magistrados da disciplina eclesiástica senão até o final da década de 1540.¹⁰² Na “Cristocracia” proposta por Bucer em sua obra *O Reino de Cristo*, que associava a Igreja e o Estado no mesmo esforço de criar uma sociedade cristã,¹⁰³ vemos que o afastamento não tinha a acepção moderna de separação entre Igreja e Estado. A mesma coisa poderia ser dita da Genebra de Calvino.

A separação entre a Igreja e o Estado na questão da disciplina proposta pelos dois reformadores influenciou o modo como os magistrados participariam do controle da moralidade. Bucer atribuiu ao Estado a supervisão dos ministros para assegurar que eles desempenhassem as suas obrigações de modo adequado,

⁹⁸ BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 119. Demura (174) crê que Calvino foi ainda mais longe do que está afirmado na ordenança de Hesse. “Embora pela Ordenança de Hesse de 1539 os presbíteros tenham recebido um papel extremamente importante na vida da igreja, como parte do cuidado pastoral da igreja por parte dos ministros ordenados, isso não ocorreu de um modo tão claro como nessa Ordenança de Genebra de 1541”.

⁹⁹ VAN’T SPIJKER, *Bucer’s influence on Calvin*, p. 37.

¹⁰⁰ KUHR, *Calvin and Basel*, p. 30.

¹⁰¹ WHITE, *Oil and vinegar*, p. 37; WRIGHT, David F. Bucer (Butzer), Martin (1491-1551), in HART, Trevor A. (Ed.). *The dictionary of historical theology*. Grand Rapids: Eerdmans/Paternoster, 2000, p. 88.

¹⁰² MCKEE, *Calvin, discipline, and exegesis*, p. 323 (nota 10).

¹⁰³ Cf. a introdução à obra de Bucer escrita por PAUCK, *Melanchton and Bucer*, p. 166-170.

o dever de preservar a igreja de danos através de sua disciplina civil sobre os que estavam fora da igreja e que cerceavam a verdadeira doutrina e a piedade, e também sobre os de dentro que se desviavam na fé e na moral.¹⁰⁴ Isto incluía a punição física por faltas teológicas e morais, o que também era aceito por Calvino. Ainda assim, isso era diferente da disciplina corretiva aplicada pela igreja. A igreja não aplicava nenhuma punição física como fazia o Estado. A excomunhão era a sentença mais pesada que ela poderia aplicar a um pecador impenitente. Esse princípio já estava presente em Ecolampádio mesmo antes de Bucer, mas nenhum dos dois jamais contemplou qualquer separação nítida entre igreja e estado nas cidades em que trabalhavam. Os líderes da igreja de Estrasburgo nunca receberam dos magistrados da cidade qualquer autonomia para agirem de modo coercitivo em relação aos habitantes da cidade.

Calvino já havia mostrado essa separação, embora de forma resumida, em seus *Artigos* de 1537. Sua desagradável experiência inicial em Genebra e o seu contato com os ideais de Bucer podem tê-lo fortalecido nessa questão. A edição de 1543 das *Institutas* trazia uma longa seção que mostrava a separação entre o poder civil e o eclesiástico.¹⁰⁵ Todavia, os dois poderes foram entendidos como complementares entre si:

Assim como o magistrado deve, mediante punição e restrição física, purificar a igreja de ofensas, assim o ministro da Palavra, por sua vez, deve ajudar o magistrado a fim de que não muitos possam pecar. As funções deles devem ser tão unidas que cada um sirva de ajuda, não de impedimento, para o outro.¹⁰⁶

Aquilo pelo que Calvino tanto lutou foi que a igreja de Genebra adquirisse autonomia para excomungar sem a intervenção do estado nesse processo, um sonho que só foi realizado em 1555. O sucesso do consistório indubitavelmente foi um aspecto distinto da obra de Calvino. Demura coloca a questão da seguinte maneira:

A importância histórica do consistório de Genebra em distinção do *Bannherren* de Basileia, do *Kirchenpfleger* de Estrasburgo, do *Diener christlicher Zucht* de Ulm ou do *Eltesten* de Hesse, consiste não na sua designação e nem mesmo em seu caráter essencial, mas no fato de que Genebra sob Calvino havia alcançado o que era somente um “desejo piedoso” em Estrasburgo e o que havia finalmente naufragado sob a pressão dos magistrados civis em Basileia: uma disciplina eclesiástica autônoma.¹⁰⁷

¹⁰⁴ BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 7.

¹⁰⁵ Cf. *Institutas*, IV.11.1-5.

¹⁰⁶ *Institutas*, IV.11.3.

¹⁰⁷ DEMURA, Church discipline according to Johannes Oecolampadius in the setting of his life and thought, p. 176.

2.5 A prática da disciplina

Pastorear uma congregação de refugiados franceses em Estrasburgo aperfeiçoou a experiência pastoral de Calvino e, à medida que enfrentava toda sorte de obstáculos à aplicação da disciplina, ele começou a fazer algumas distinções que não apareceram em suas obras anteriores. Duas distinções foram incluídas. A primeira diz respeito a pecados conhecidos e ocultos. As *Ordenanças Eclesiásticas* usam a terminologia “pecados secretos” e “pecados notórios e públicos”, enquanto que as *Institutas* usam as palavras “particular” e “público”. Essa distinção tinha diversas aplicações práticas. As faltas secretas ou particulares deveriam ser admoestadas secretamente, sem trazer o pecado ao conhecimento da igreja. Calvino interpreta a frase “contra vós” de Mateus 18.15 como significando “com o seu conhecimento somente, sem outros estarem conscientes”.¹⁰⁸ Os pecados públicos, por outro lado, tinham de ser admoestados publicamente como Paulo fez com Pedro. A segunda distinção foi entre pecados leves e graves, ou, para usar as palavras de Calvino, “faltas que merecem admoestação somente” e “crimes que merecem não meramente repreensão em palavras, mas correção pelo castigo”.¹⁰⁹ Tais distinções não estão presentes nas *Institutas* de 1536 nem nos *Artigos* de 1537 e parecem ser fruto de um maior envolvimento eclesiástico. O mais próximo que havia chegado desse nível de especificidade foi quando, na *Instrução na Fé* (1537), ele enumerou diversos pecados que, se não corrigidos após a admoestação, mereciam excomunhão.

Bucer também fez distinção entre pecados secretos, que não devem ser confessados a ninguém exceto Deus, e pecados públicos, que deviam ser objeto de correção eclesiástica. Os pecados secretos somente podiam ser confessados como uma espécie de cura para a alma.¹¹⁰ A ordenança de Hesse, assim como a

¹⁰⁸ *Institutas*, IV.12.3.

¹⁰⁹ REID, *Calvin: theological treatises*, p. 71.

¹¹⁰ BURNETT, *Church discipline and moral reformation in the thought of Martin Bucer*, p. 441-445. Em *Uma Breve Síntese da Doutrina Cristã* (1548), Bucer escreveu: “Nós também confessamos e ensinamos que o Senhor concede e comunica às consciências aflitas um especial conforto e refrigério, e uma força especial para evitar o pecado no futuro, por meio da absolvição, contanto que esta, seja pública ou privada, seja solicitada e recebida de acordo com a sua palavra... Portanto, as pessoas devem ter em alta estima tanto a absolvição particular quanto a instrução, e voluntariamente fazer uso das mesmas”. WRIGHT, *Common places of Martin Bucer*, p. 89. Em *O Reino de Cristo* (1550), ele escreveu: “Essa confissão somente pode ser um remédio salutar para as consciências que necessitam tanto de instrução particular quanto de consolação e, além disso, pedem essas coisas dos ministros de Cristo. Isto somente pode acontecer de modo salutar com aqueles guardiões das igrejas que estão revestidos do espírito de Cristo, para que possam nessa ocasião catequizar melhor os mais ignorantes na fé e ajudar aqueles que experimentam menos contrição a terem um claro reconhecimento de seus pecados. Eles irão despertar uma justa tristeza neles por causa de seus pecados ou levantar grandemente os espíritos abatidos para uma esperança de misericórdia divina, bem como descobrir e demonstrar meios eficazes para evitar os pecados”. PAUCK, *Melanchthon and Bucer*, p. 244-245. Para uma noção semelhante em Calvino, cf. *Institutas*, III.4.12.

de Estrasburgo, distinguia entre diferentes tipos de conduta, algumas sujeitas à admoestação, outras à excomunhão. *Von der waren Seelsorge* mencionou que os pecados graves exigiam maior severidade na disciplina. Esses pecados mereciam penitência pública mesmo que o pecador já tivesse se arrependido, porque tal medida instilava ódio ao pecado para impedir erros futuros.¹¹¹ O fato de que essas distinções eram muito sólidas para Bucer na década de 1530 leva-nos a concluir que ele foi influente sobre Calvino nessa questão.

2.6 Papéis dos oficiais e dos membros da igreja

Na balança dos deveres dos oficiais e dos membros da igreja, parece que Calvino andava de um lado para o outro. Nas *Institutas* de 1536 ele incentivou a comunidade a se envolver no processo de estimular o arrependimento no pecador. Os *Artigos* de 1537 não falam sobre os deveres de cada membro, mas ele inicia a sua discussão sobre o conjunto de líderes. Nas *Institutas* de 1543 ele menciona mui brevemente o dever de todos os cristãos, e então escreve:

Que os pastores e presbíteros sejam especialmente cuidadosos para fazerem isto, porque o dever deles não é somente pregar ao povo, mas advertir e exortar em cada casa, onde quer que eles não sejam efetivos o suficiente na instrução geral.¹¹²

Contudo, de um modo geral ele fala a respeito dos dois grupos e do dever de ambos na disciplina eclesiástica.

De modo semelhante, Bucer fala sobre as responsabilidades de ambas as partes, mas acentua que o conjunto de homens que eram *Seelsorger* tinha maior responsabilidade pela admoestação. Burnett observou como no *Von der waren Seelsorge* a admoestação fraternal era secundária, porque essa obra se concentrou no cuidado pastoral e nas responsabilidades especiais dos pastores e presbíteros – uma espécie de apelo para ampliar a autoridade dos líderes eclesiásticos na igreja de Estrasburgo.¹¹³ A obra *O Reino de Cristo*, escrita num contexto diferente, começa com os deveres dos membros da igreja antes de tratar da responsabilidade dos oficiais da igreja.¹¹⁴ Após tratar dos deveres de cada membro, ele afirma que os oficiais da igreja “corrigem diligentemente nessa questão o que foi negligenciado pelas pessoas individuais”.¹¹⁵ Na obra *Um Breve Sumário da Doutrina Cristã*, Bucer também discute em primeiro lugar a supervisão e correção fraternal em geral e depois discorre sobre os estágios posteriores da disciplina através dos representantes da igreja.¹¹⁶ Em

¹¹¹ BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 107-108.

¹¹² *Institutas*, IV.12.2.

¹¹³ BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 112.

¹¹⁴ PAUCK, *Melanchthon and Bucer*, p. 240-241.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 241.

¹¹⁶ WRIGHT, *Common places of Martin Bucer*, p. 88.

outras palavras, as admoestações particulares para os pecados secretos poderiam ser feitas por qualquer cristão, mas as admoestações públicas para os pecados públicos tinham de ser feitas por um pastor ou presbítero.¹¹⁷

Ambos os reformadores também tinham uma preocupação pastoral que era comum em seus escritos. Através de suas obras, Calvino mostra uma preocupação com a moderação na aplicação da disciplina, como White assinalou.¹¹⁸ A questão da moderação, embora de alguma forma presente nas *Institutas* de 1536, é muito mais desenvolvida na terceira edição (IV.12.8). Isto pode levar-nos a concluir que a agradável experiência de Calvino como pastor em Estrasburgo e a ênfase de Bucer ao cuidado pastoral deram forma a essa preocupação. Não apenas *Von der waren Seelsorge*, mas a totalidade das obras de Bucer mostra a sua preocupação pastoral. Na obra *Um Breve Sumário da Doutrina Cristã*, ele equilibra “o zelo de Deus por suas igrejas” com “a necessidade de misericórdia e moderação para com os penitentes”, e dá suporte a esta última com a atitude de Moisés para com Miriã, de Paulo para com os coríntios e de Jesus para com a adúltera e Pedro.¹¹⁹

Willem van't Spijker estabelece um outro paralelo entre os dois na questão da disciplina de pastores. No Livro IV capítulo 12 das *Institutas*, após declarar logo no início o esboço de seu discurso sobre disciplina – das pessoas e dos ministros – Calvino gasta a maior parte da segunda metade do capítulo relacionando os pastores com questões como jejum e celibato. Em suas *Ordenanças Eclesiásticas*, ele trata amplamente dos pecados dos pastores, alguns que meramente exigem uma simples admoestação e outros dignos de medidas rigorosas.¹²⁰ Quando trata dos doutores ele menciona brevemente que, como no caso dos ministros, eles estão sujeitos à disciplina eclesiástica, mas não diz nada sobre disciplinar presbíteros ou diáconos. Com respeito às *Ordenanças Eclesiástica*, van't Spijker escreve:

É particularmente notável que Calvino tenha adotado a concepção de Bucer sobre a disciplina dos oficiais. A lista de pecados que aparece no projeto de Calvino pode ser deduzida do conceito de Bucer sobre o plano de Regensburg para a reforma da igreja.¹²¹

¹¹⁷ “Quando um pecador se recusava a aceitar a admoestação, isso deveria ser comunicado aos presbíteros da igreja – ‘homens destemidos, ponderados, razoáveis e amigos que são acima de tudo capazes de ensinar, repreender e admoestar’. Esses presbíteros deviam assumir responsabilidade pelo ‘rebanho cristão e devem apascentá-lo, isto é, levá-lo ao aperfeiçoamento e a governá-lo com ensino particular, admoestação e repreensão’.” BURNETT, *The yoke of Christ*, p. 81. Em outras palavras, quando se chegava ao estágio no qual toda a igreja devia repreender o pecador impenitente, esses homens juntamente com os pastores agiam como representantes da igreja nessa repreensão.

¹¹⁸ WHITE, *Oil and vinegar*, p. 28, 32, 34, 37.

¹¹⁹ WRIGHT, *Common places of Martin Bucer*, p. 88-89.

¹²⁰ REID, *Calvin: theological treatises*, p. 60-61.

¹²¹ VAN'T SPIJKER, *Bucer's influence on Calvin*, p. 40.

CONCLUSÕES

Não é fácil responder à pergunta do título deste artigo. Diversos subtópicos da disciplina eclesiástica foram deixados sem exame e as possíveis influências de Calvino sobre Bucer não foram tratadas. Dizer que Calvino foi, de alguma forma, influenciado por Bucer parece quase óbvio pelo que vimos. Por outro lado, dizer que Bucer foi a maior influência sobre o entendimento que Calvino teve da disciplina eclesiástica também é difícil de responder sem uma cuidadosa análise de outras supostas influências recebidas por Calvino.

Entretanto, numa tentativa de responder à pergunta feita eu teria de dizer que a doutrina de Calvino sobre a disciplina eclesiástica não foi principalmente um resultado da influência de Bucer. Vimos como os diversos conceitos de Calvino já estavam presentes em sua teologia antes do seu estreito contato com o líder da igreja de Estrasburgo. Todavia, muitas dessas idéias não foram desenvolvidas porque ele ainda não havia alcançado maturidade teológica. Todavia, ele já possuía planos sólidos para a igreja de Genebra em termos de estatutos disciplinares. O fato de que Bucer precedeu Calvino em certos assuntos não significa necessariamente que aquele influenciou este. Nós certamente sabemos que eles tinham um entendimento muito semelhante sobre esse assunto. O que com frequência é chamado de influência poderia ser considerado apenas uma opinião em comum.

Ainda assim, há boas razões para dizer que houve uma influência de Bucer sobre Calvino na questão discutida. Vimos como alguns tópicos novos apareceram nos escritos de Calvino (uso dos pais da igreja, reação aos anabatistas, diferentes níveis de pecado) e, visto que estavam presentes em Bucer, podemos também concluir que houve uma conexão. Os outros tópicos, que Calvino desenvolveu nos anos de Estrasburgo, também se assemelhavam aos ensinamentos de Bucer e essas continuidades também poderiam significar uma influência de Bucer no processo.

Seguindo as palavras de Willem van 't Spijker, é melhor dizer que “Calvino se tornou ele mesmo em Estrasburgo”.¹²² O que vemos nas obras após Estrasburgo é resultado de um conjunto de fatores: um novo ambiente e novas experiências na cidade de Estrasburgo, um desenvolvimento e amadurecimento natural no pensamento de Calvino, e a orientação amigável de seu mentor Martin Bucer. A personalidade forte do jovem francês foi moldada pelo conciliador Bucer. Mas isto não torna Bucer o pai da disciplina eclesiástica calvinista. A disciplina eclesiástica calvinista foi, acima de tudo, de Calvino.

¹²² VAN'T SPIJKER, Calvin's friendship with Martin Bucer: did it make Calvin a Calvinist?, p. 186.

ABSTRACT

This article analyzes John Calvin's views on church discipline and the possible influences he received from Martin Bucer. That the Strasbourg reformer exerted some influence on Calvin's theology is unquestionable, especially after the latter's three-year residence in that Alsatian city. The point is to what extent this influence was manifested. Initially, the author analyzes Calvin's works previous to his stay in Strasbourg, in search of possible influences by either Bucer or Oecolampadius, the reformer of Basel. Then, he considers a series of similarities and dissimilarities in the thought of Calvin and Bucer concerning church discipline, particularly in regard to the understanding of key biblical texts, the use of the church fathers, attitudes towards the Anabaptists, the marks of the church, church officers, the participation of the magistrates, different levels of sins, and the roles of officers and church members. The author concludes that, despite Bucer's definite influences on Calvin in the area of church discipline, one cannot affirm with any degree of certainty that this was the main or the only influence experienced by Calvin in this matter. The development of the French reformer's thought was due mainly to his own pastoral experiences and his more mature theological reflection.

KEYWORDS

Church discipline; John Calvin; Martin Bucer; Oecolampadius; Anabaptists; Church officers; Church and state; The marks of the church.